

Mandela recebe comenda do Rio Branco e agradece apoio

BRASÍLIA — O líder sul-africano Nelson Mandela disse ontem que o Brasil é um dos seus mais fortes aliados na luta contra o *apartheid*. Mandela fez um discurso para o presidente Fernando Collor — com quem teve encontro reservado de 30 minutos — numa solenidade no gabinete anexo da Presidência da República, quando foi homenageado com a Grã-Cruz da Ordem de Rio Branco.

— Essa homenagem que recebi foi completamente inesperada. Mas eu devia ter previsto, porque quando estava na prisão a voz do governo e do povo do Brasil chegava forte e clara.

O presidente do Congresso Nacional Africano (CNA) lembrou as palavras de apoio que ouviu dos brasileiros: “Nós estamos comprometidos na luta contra o *apartheid*. Nós estamos com você. Nós queremos você e seus companheiros fora da prisão”. Descobriu, assim, que o “governo e o povo do Brasil estão preocupados com essa luta não apenas em seu próprio país mas em todo o mundo”.

Mandela afirmou que a condecoração que recebeu de Collor não foi dada a ele “como indivíduo mas pela causa que representa:

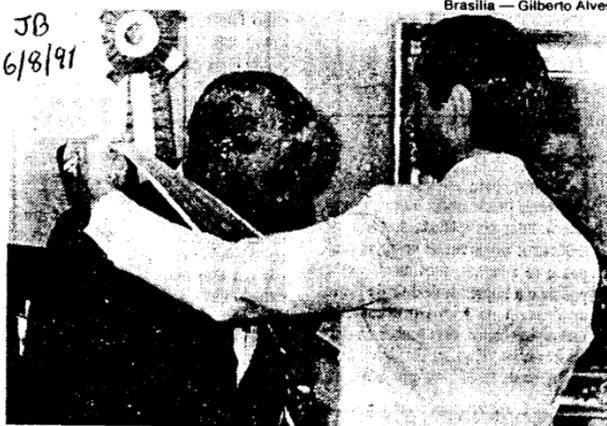
— Da mesma forma que a condecoração não está sendo dada pelo presidente brasileiro, mas pela alma do povo brasileiro.

Collor falou primeiro e disse ser um privilégio conhecer Mandela pessoalmente e apertar a mão de quem é o “símbolo do nascimento de uma África

do Sul fortalecida e participante, racialmente integrada, que muito deve à bravura de Nelson Mandela e à sua fé na vitória da razão”. “Peço-lhe que veja na Grã-Cruz da Ordem de Rio Branco a admiração de toda uma sociedade multirracial que continua a aperfeiçoar-se na arte do convívio harmonioso entre suas várias culturas.”

O líder sul-africano — que chegou ao Palácio do Planalto com 25 minutos de atraso — afirmou em sua fala que volta alegre para casa: “Volto para meu país cheio de satisfação, cheio de inspiração, com esperança de justiça e confiante na vitória final”.

□ O primeiro dia da visita oficial de Nelson Mandela a Brasília foi marcado por pequena mobilização popular e extrema desorganização no mais concorrido dos compromissos — na Universidade de Brasília (UnB), onde o título de doutor honoris causa foi entregue em meio a tumulto no gramado poeirento. Forte aparato de segurança em torno de Mandela frustrou esperanças de contatos mais próximos e levou os líderes do Movimento Negro Unificado a espiar confronto com a segurança do Palácio do Planalto. Mandela e Winnie foram recebidos na Base Aérea por embaixadores de países africanos, inclusive o da África do Sul, Jrvan Gernet, diplomatas e o secretário-executivo do Itamarati, Marcos Azambuja.



Mandela condecorado por Collor: homenagem do povo

Líder nota amargura do negro

Embora reconhecendo que as leis brasileiras contra a discriminação racial são satisfatórias, o presidente do Congresso Nacional Africano, Nelson Mandela, disse ontem ter notado forte sentimento de amargura entre os negros que encontrou no Brasil. O comentário de Mandela foi feito durante conversa com o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Sidney Sanches, que não escondeu do líder negro a prática de racismo na sociedade.

Na visita que fez ao Supremo, Man-

dela foi informado pelo ministro Sidney Sanches de que ainda é comum no país a preferência pelos brancos quando se trata de emprego, por exemplo:

— A impressão que se tem é que as pessoas só têm medo de tornar ostensivo seu racismo por causa das penalidades previstas na Constituição. Aqui, racismo é crime inafiançável, com pena de reclusão — contou Sanches. Mas também lembrou que há muitos casamentos entre brancos e negros e a prova disso está na existência do mulato.

Flagrantes da visita

Mesma língua — A primeira parte do encontro entre o presidente Collor e o líder sul-africano Nelson Mandela durou 20 minutos. A conversa foi em inglês, sem intérprete, sobre a conjuntura internacional. Mandela disse ao presidente ter ficado impressionado com os governadores brasileiros com os quais se encontrou, considerando-os verdadeiros representantes do povo, relatou o portavoza da presidência, Claudio Humberto.

Tumulto — O presidente do Congresso Nacional Africano, Nelson Mandela, recebeu ontem o título Doutor Honoris Causa da Universidade de Brasília, mas os embaixadores, deputados, senadores e a quase totalidade dos professores convidados não ouviram nem viram nada, nem mesmo o próprio Mandela. A sessão não foi solene, não cumpriu o horário programado nem foi realizada no auditorio da Faculdade de Ciência da Saúde, mas fora do prédio, longe das autoridades convidadas, no meio da poeira e do tumulto provocado por quase duas mil pessoas que.

Reminiscências — Sem que ninguém esperasse, a deputada Benedita da Silva (PT-RJ) foi a grande oradora da sessão de homenagem do Legislativo ao presidente do Congresso Nacional Africano. Ao contrário dos quatro parlamentares que discursaram em tom solene e formal, ela se valeu de lembranças de sua visita à África do Sul no ano passado para homenagear Mandela e sua mulher,

Winnie, e fez um discurso pessoal, na condição de mulher negra.

Dubiedade — O Brasil manterá as sanções econômicas contra o governo da África do Sul. A informação foi dada ontem por Nelson Mandela em entrevista no Itamarati. Segundo o líder negro, o encontro com o presidente Fernando Collor no Palácio do Planalto foi bem sucedido e caloroso. Mandela disse que o caso Inkhathate — liberação de US\$ 600 mil para o partido Inkhata, por parte de autoridades do governo sul-africano — representa uma situação dúbia, pois promove uma frente anti-CNA.

Gentileza — Do primeiro dia da visita ao Rio de Janeiro, na quinta-feira passada, o líder negro sul-africano Nelson Mandela certamente não imaginou que fosse conversar durante 20 minutos dentro de um carro com o governador Leonel Brizola, enquanto sua mulher, Winnie, comprava-lhe meias, cuecas e pijamas. Como as 39 malas da comitiva ficaram retidas em Miami, última escala da viagem oficial, o governador se ofereceu para fazer compras com o casal. Brizola pagou a conta de Cr\$ 220 mil na loja masculina Jopar pela compra de cinco pares de meia de algodão; três cuecas, um sapato de cromo alemão marrom nº 43; duas gravatas estampadas de seda pura; uma camiseta Elessé branca; dois pijamas de malha de manga comprida; duas camisas sociais de linho e duas es-